

dramaturgos  
portugueses  
contemporâneos

---

# **A CIDADE DE FAUSTO**

Carlos Jorge Pessoa

**6**

---

Escola Superior de Teatro e Cinema

## FAUSTO DE OUTRA GARAGEM

“O simulado incêndio tu perdoas?”

**Goethe, Fausto**

Podia-se perguntar se o texto que se publica com a modéstia de uso, nesta série de novos textos dramáticos portugueses, se este texto existe fora do espectáculo. E aqui, sem a confusão terminológica cara aos pedantes do teatro que somos um pouco todos (mas alguns mais do que outros), aqui gostava de afirmar o seguinte: esta pergunta de princípio contém a novidade mais radical e mais subtil, ligada aos textos-espectáculos do **Grupo de Teatro da Garagem** – que aliás nem garagem tem.

De facto: **A Cidade de Fausto** não é literatura, não é a literatura dramática que se ensina nas Faculdades, não é a teatralização de um acontecimento ou de um texto, é uma queda livre no meio da cena mediante situações visuais, linguísticas, filosóficas. Diria que aquele **Fausto** não é sequer uma peça, mas o **canevas** dela. Porém, diria mal. Nem **canevas** (guião?), nem texto poético (o que não exclui a qualidade poética), nem a encenação dissimulada, mas uma estratégia simbólica do falar com os outros e simultaneamente consigo próprio através dos sinais teatrais. Estilização da acção humana? O acto? A nova realidade cénica? Com ou sem discurso? Ou tudo e nada, isto é, um conjunto de processos para o uso da cena em ruptura, de novo na terra de ninguém, adivinhada pelo jogo.

Se o teatro é o conflito a ver e a ouvir em comum desde os gregos até todos os Faustos, **A Cidade de Fausto** de Carlos J. Pessoa é o conflito com esse conflito, de

resultados incertos, alimentado pelo saber e maneira de ser diferentes e idem pela paixão que fabrica a sua semiótica.

Em resumo: um dispositivo global de novas sombras que querem conhecer os vivos que os projectam, e ângulo do sol ou da lua.

**Jorge Listopad**

## A CIDADE DE FAUSTO

Carlos J. Pessoa

---

A CIDADE DE FAUSTO estreou em Outubro de 1992, no Teatro da Malaposta, integrado no ciclo “Jovens Companhias de Teatro”.

Distribuição:

**Fausto e Luciano** (José Airosa); **Genebra** (Maria d’Aires); **Mefistófeles e S4** (Carlos Pessoa); **Vendedor, Polícia, M1 e E** (Ângelo Torres); **Funcionário da Empresa, Imediato, Terêncio, M2 e B** (José Espada); **Loura Americana Explosiva, Garota Vivaça, Rola, Noiva e C** (Maria Duarte); **Engenheiro, M3, Comandante, Almerinda e D** (Paula Cardoso); **Adosinda, S3 e A** (Natália Vieira); **Arauto, Tia Libânia e S2** (Paula Pedregal); **O que toca trompete e muda cenário** (João Rodrigues).

**Encenação** (Carlos Pessoa); **Realização Plástica** (José Espada, João Rodrigues); **Figurinos** (Colectivo); **Desenho de Luzes** (Carlos Pessoa).

Personagens:

**FAUSTO e LUCIANO**

**GENEBRA**

**MEFISTÓFELES e S4**

**VENDEDOR, POLÍCIA, M1 e E**

**FUNCIONÁRIO DA EMPRESA, IMEDIATO, TERÊNCIO, M2 e B**

**LOURA AMERICANA EXPLOSIVA, GAROTA VIVAÇA, ROLA, NOIVA E C**

**ENGENHEIRO, M3, COMANDANTE, ALMERINDA e D**

**ADOSINHA, S3 e A**

**ARAUTO, TIA LIBÂNIA e S2**

**O QUE TOCA TROMPETE E MUDA O CENÁRIO**

## **PARTE 1**

### **APRESENTAÇÃO**

**FAUSTO** (lendo) – “Aceitam-se pessoas. Nenhum problema, raça, sexo, idade. Preferência desocupadas. Fazer companhia.”

Este anúncio perturbou-me. Fiz a mala, ia responder. Arrastei-me nos últimos lances de escada. O meu aspecto... semelhante ao desses deserdados que povoam as ruas; apenas por desleixo...

Amiga (faz força com o pensamento), cisnes e melros cantam dois sítios diferentes por onde passei: a casa da debutante nervosa nos seus sapatos brancos: o ermo, o ermo com a avó apanhando a espiga. Papoilas.

### **TENTAÇÕES**

**E** (estropiado) – Caiu, caiu, quem me ajuda?!

**B** (glutão) – Tomate podre.

**C** (cabrona 1) – Muito bonita não é?

**A** (beata empertigada) – Ajudem o homem!

**ARAUTO** (cavaleiro 1) – Inconscientes!

**GENEBRA** (cabrona 2) – Lindo não é?

**MEFISTÓFELES** (pregador) – Tentarias enrolar-lhe as madeixas do cabelo... Tentarias que o governante cedesse às tuas vantagens...

**B** – Como tudo: a perna, o peito, a asa!

**E** – Passem-me por cima!

**B** – Come tudo!

**MEFISTÓFELES** – Tentarias, tentarias exhibir as tuas vantagens, soberbo e industrioso dessa cobiça.

**C e GENEBRA** – As unhas pintadas, o ouro reluzente, fugires, ficares no teu canto sem te mexeres...

**TODOS** (para Fausto) – Sem me ajudares!

**B** – Refugado bem picante?

**E** – Passa-me por cima!

**FAUSTO** (cavaleiro 2) e **ARAUTO** – Invejares os meus ombros poderosos! Caluniar os meus pés... chatos...

**E** – Oh, anime-se cavalheiro!...

**C e GENEBRA** – Trajares de branco... isso mesmo.

Isso mesmo!

**D** (coscuvilheira) – Manda-me calar, manda-me calar...

**FAUSTO** – Shiu.

## FAUSTO E O FUNCIONÁRIO DA EMPRESA QUE FEZ O ANÚNCIO

**FN** – Meu rapaz.

**FAUSTO** – Disseram-me.

**FN** – Aceitam-se todas as inscrições mas o seu caso exige ponderação.

**FAUSTO** – O que é que existia de suspeito no meu relatório? Cumpridor, avesso às discussões, reservado, o anti-herói... envolvi-me em disputas violentas, mas não vem ao caso esse sentimentalismo: se sou inteligente? Detesto que me avaliem; que façam comentários. Esta gente sedativa... ponderação...

**FN** – Trabalhou aonde?

**FAUSTO** – Nunca trabalhei.

**FN** – Biscates ao menos, aqui e ali?...

**FAUSTO** – Ajudava em casa.

**FN** – A família?

**FAUSTO** – O que é que tem?

**FN** – Tem?

**FAUSTO** – Tem tempo para mim quando lá vou a casa; com muitos pudins.

**FN** – Sabe que há muitos candidatos não sabe?!

**FAUSTO** – Sim...

**FN** – Não ouço!  
**FAUSTO** – Sim!!  
**FN** – Ótimo. Cadastro.  
**FAUSTO** – Matei um homem.  
**FN** – Porquê?  
**FAUSTO** - ... Perturbou-me o sono.  
**FN** – Caça?... Já caçou? Patos, coelhos, galinhas, lebres...  
**FAUSTO** – Não gosto de caçar, o sangue mete-me impressão.  
**FN** – Então como é que pode ter morto um homem?  
 Mentiu-me...  
**FAUSTO** – Matei-o em espírito, assim (faz força com o pensamento)!  
**FN** – Disparates, até agora só disparates. Bom, terá que prestar provas; que mostrar o seu valor. Todos temos valor, algum valor pelo menos...  
**FAUSTO** – Agradeço-lhe.  
**FN** – Não tem nada que me agradecer é a minha obrigação.  
 Estou aqui há 21 anos e cumpro sempre com as minhas obrigações. Todos aqui na casa reconhecem o meu valor, que não é pouco! Aliás devo confessar que, modéstia à parte, ninguém faz este serviço como eu!...  
**FAUSTO** – Acredito...  
**FN** – Sou indispensável. E pagam-me uma miséria!  
 Mas vê, vamo-nos afeiçoando às coisas e...  
**FAUSTO** – E?  
**FN** – Está na hora do almoço. Boa tarde e “good luck”!

## A DERROCADA DO LESTE

**A** (para as câmeras : 1, 2, 3, 4...) – Lindo dia em terra próspera. Os ganhos superam as despesas. Aleluia! Cachets elevados com garantias de actualização. Dois fins-de-semana em Cuzco, 4 latas de caviar. 7 champagne, espectáculos a 4, 6, 8.  
 Borlas... isto não é, enganei-me!...  
**B** (homem da segurança 1) – Circunstâncias imprevistas...  
**C** (estrela de cinema) – Mas está tudo previsto!  
**B** – Naturalmente... levam a que aumentemos as medidas de segurança...  
**D** (hipotética criada) – Où est la sortie? Marie, Marie, où est la sortie? (encontra E. homem da segurança 2, que lhe explica o caminho)...  
**B** (com E) – Restringimos as entradas e saídas: somente o pessoal da Empresa...  
**C** – O povo deste império queixa-se e não se queixa eu explico... Hoje fui visitar mais um hospital, desta vez foi um hospital de bonecas. Fiquei muito impressionada com as bonecas; sem bracinhos, nem olhinhos, carequitas; as perninhas distribuídas por cestinhos; o cestinho D para as destras e o cestinho E para as outras. Foi realmente...  
**B** (com E) – Não nos responsabilizemos por quaisquer danos causados a estranhos!  
**C** – Felicidade = Bem-estar = Democracia ++  
**B** – Os nossos cães chamam-se respectivamente Johnie...  
**E** – E Uva.

C – A contra revolução falhou mas a revolução tornou-se uma contra-revolução. O que é que isto significa?

B – Respondem ao nome com um latido prolongado: aaaaauuuuuu...

C – A. A insegurança dos golpistas sem poder de decisão para colmatar falhas organizativas.

B (faz B. casa) Factores exógenos como a força da reacção popular (D oferece-lhe salsicha, emociona-se, som)...

B – Que termina (para C).

E – Quando é que termina?

B – Repito, que termina!

E – Quando é que termina?

B – Num ãoão.

E – Seco.

A – O que temos para oferecer? Popós, secadores, piaçabas amarelos uma gentileza do Teatro da Garagem, cuecas atérmicas, ventiladores com remote control, remote control com remote control, massas alimentícias azuis!

B – Há aqui um problema, (com E : Alô, sim, está lá, sim, pois sim, alô)

C (recebe fax) – Faxes recebidos na nossa agência noticiosa dão conta de felicitações vindas de todo o mundo!

B – Há aqui um problema.

(silêncio, moeda que rola)

C – A guerra económica é um facto. A coragem revelada é prova de maturidade cívica. A firme defesa dos direitos dos cidadãos consagra o ideal perseguido por tantos mártires. Viva!

D – Viva, viva, viva!

A – Está a sentir-se bem?

C (queima linha solta do vestido com isqueiro) – O direito que os heróis têm a vestir a capa de outros heróis; essa repetição absurda dos factos...

D – Rosa-dos-ventos.

B – Um hino. (B e E marcham; algures trompete lança notas de hinos nacionais: C canta uma canção de amor).

D – Rosa-dos-ventos.

C (B e E ouvem canção de amor, hino pára. B senta-se num caixote de papelão oco, cai) – Esse desentendimento...

**FAUSTO** – Porque saí de casa? Que pretendia? O que pretendo? Porque não desisto? Falem comigo.

C – Com essas boas intenções, lembrás-me o teu tio Luciano...

A – A utopia de povo é o popó. Mas não temos popós para oferecer a tanta gente...

D – Rosa-dos-ventos.

C – Popó.

D – Bandeiras e batalhas!

O que **tocou trompete** – Pó.

## OS MANOS

(fazem pseudo-estátua)

**M1** – Achas que sim?

**M2** – Um bocadinho mais de gesso.

**M1** – Traz a cola...

**M2** – Está difícil, heim!

**M1** – Quando fazes essa cara...

**M2** – Que cara!?

**M1** – Pareces um morcego. Sinto, sinto... uma fraqueza inexplicável, será que me estás a sugar o sangue?... (morre)

**M3** – Faz o que te disse, senão lixamo-nos: vá lá, leva o M1 para dentro! (M2 leva corpo)

**M2** (volta com o mesmo corpo) – Seria mais rápido se me ajudasses...

**M3** – Assustaste-me! Com mil demónios, uf, ufuf, ah queres que te ajude... não sei, não sei bem...

**M2** – Quem não está bem muda-se, mas não sei o que será de ti sem o meu apoio moral...

**M3** – Que cara é essa?!

**M2** – Deverias ter mais considerações pelas minhas necessidades M3.

**M3** – M2 estou aqui para ajudar-te apesar da tua ticanhez... percebes? (ultimam preparativos no corpo de M1)

**M2** – E o balão dos irmãos M-O-N-G-O-L-F-I-E-R, esse balão de um raio que esperamos há 15 dias?

**M3** – Para que querias que viessem se ainda não temos a estátua pronta?

**M2** – Isto agora é rápido. Já ouviste falar dos Amigos Internacionais?

**M3** – Claro que sim, são os patrocinadores da viagem a Marte. E os donos desta estátua.

**M2** – Têm-me ajudado a criar raízes e deram à minha mulher um apetite sexual demolidor; todos os diabos se afastaram da capoeira tal é o temor que ela inspira.

**M3** – Vou confessar-te uma coisa; o gato morreu ou melhor matei-o.

**M2** – Essa afirmação esperança-me.

**M3** – Era o M4 percebes, que se tinha transmigrado para o corpo do gato, metempsicose; estava à espera de oportunidade.

**M2** – Miau!

**M3** – E agora vou dar-te um tiro.

**M2** – Tanta violência... nunca pensei... que desgosto. E a sujidade, o sangue...

**M3** – É melhor para pintar a estátua.

**M2** – Asseado, muito asseado. Tenho sede.

(black-out)

## **A POSSE E O ANJO**

(apresentação de GENEBRA, com estátua-anjo ao fundo; corte abrupto, luz geral)

**GENEBRA** – Decidi deitar fora tudo aquilo, não obstante uma espécie de pudor ou vaidade renitente, deitar fora tudo aquilo. Poderia vir a pensar de outra maneira, sentir-me

porventura capaz de encontrar o Paraíso naquela amálgama repelente. Mas os meus impulsos presentes venciam sem denodo essa antecipação de remorso.

Recordando mais tarde, mais calmo, esclarecido, talvez deveras me arrependesse; mas que importam essas razões ulteriores marcadas pela influência de estranhos? Que necessidade tenho de explicar a esses críticos que esta visão longínqua e quente-bafo simultâneo de felicidade e desprezo?

Não tenho o direito (!) (irónico) de os condenar; nem sequer de os aborrecer... embora queira bem ao meu semelhante, sobrevive invisível no espaço que nos une, uma moínha inquietante; uma fobia de reconhecimento, de identificação, como se quiséssemos colar um rótulo no alheio, e esse corpo, esse rosto, esse alheio tivesse a nossa marca; distintamente assinalada a nossa possessão.

(estátua apanha ovni)

## O SUBMARINO ARAÚJO

**COMANDANTE** - Temos de sair daqui, a estrutura do submergível não está preparada para tanta pressão!

**S2** – Continua a subir, hip, hip...devemos estar a tocar o fundo!

**S3** – É extraordinariamentíssimamente difícilimo respirar...

**S4** – N.C.R.!

**COMANDANTE** – O quê S4?

**S4** – É a sigla de: Não Consigo Respirar!

**COMANDANTE** – S2, já são dois. As botijas, onde estão as botijas?!

**S3** (para S2) – Isso, reza e não corras.

**S4** – Comandante, está tudo verde lá fora!

**S2** – Péssimo, péssimo. Comandante que fazer?

**S3** – Comandante, comandante, que fazer?

**COMANDANTE** – Vou tomar algumas medidas imediatamente: telefone à sua mulher S4, diga-lhe que vai chegar tarde!

**S4** – Não tenho mulher Comandante!

**S2** – Solteiro, com essa idade?!

**S4** – Tenho uma relação moderna.

**S2** – Compreendo.

**COMANDANTE** – S2!

**S2** – Comandante?

**COMANDANTE** – Vá mudar a fralda ao nosso tapir vesgo. Ele sofre de incontidência...

**S2** (faz continência: Comandante dá-lhe palmadinha na testa como se se tivesse esquecido de alguma coisa) – Mas comandante!...

**COMANDANTE** – Vává, estamos aqui muitos e preciso de andar de um lado para o outro para encontrar a solução... S4, ligue para os estúdios e diga-lhes que nos sentimos muito sozinhos.

**S4** – Pois é, de facto sinto-me sozinho...

**COMANDANTE** – Então erga a cabeça, fite o horizonte e diga : orgulhosamente só.

**S4** – Só?

**COMANDANTE** – Ohhhhhh, sóóóóóóóóóóle mio...

**S3** – Conseguimos isolar o deck mas mandaram-nos muitos baldes; que fazemos com tantos baldes?

**IMEDIATO** – Falem com o imediato, deixem-me dormir!

**COMANDANTE** – Imediato!

**IMEDIATO** – Imediatamente! (faz pequeno cross)

**S2** – Sinto-me melhor.

**S3** – Emagreça, Senhor Imediato que talvez nos salvemos.

**COMANDANTE** – Caramba você larga banha, como um carneiro merino.

**S4** – Sinto-me melhor, estamos a subir...

**COMANDANTE** – Carneiro merino! Dão é muita lâ! Ou será um suíno Dinamarquês?...

**IMEDIATO** – Mééééé, é tão bom correr!

**S2** – Tomo desde já o comando. O Comandante enlouqueceu.

**S3** – Revolta no submarino Araújo, revolta no submarino Araújo! I am lost.

**S2** – Imediato!

**IMEDIATO** – Imediatamente, tenho luvas especiais para resolver o assunto.

**S3** – Por favor imploro-lhe em nome do tapir vesgo, não, não me estrangule! I am lost.

**IMEDIATO** – Irmão, não tenho coragem!

**COMANDANTE** – O suíno dinamarquês não é conhecido por ser gordo mas ao contrário ter uma percentagem mínima de gordura na sua constituição tendo por isso o aspecto característico de uma bala : Puuuuum!

**S2** – I am lost. (óculos escuros) I shall return!

**S3** – Tem sede. (microfone-cantil) qual o último desejo?

**S4** – A pressão voltou a aumentar, porquê não compreendo?

**S2** – É o peso do pecado, o peso do crime!

**IMEDIATO** – Comandante, tem de se redimir.

**COMANDANTE** – Prometo a todos um fim de semana na minha casa da Beira-Baixa , ah, um barbecue...

**S2** – Não sei, não sei, não sei...

**S3** – Consultemos o tapir: tapir o barbecue aplacará a ira dos deuses. (tempo) Virou os olhinhos para a esquerda portanto está a olhar para a direita. Simmmmmmmmm!

**S4** – A pressão é negativa; estamos no céu!

**IMEDITATO** – Está muito frio, vejo os anjos; os anjos estão nus.

**GENEBRA** (Deus ex-machina) – Esperei...

**COMANDANTE** – Atiram-nos uma corda: agarrem na ponta, suba S2 Como é que é isso aí em cima?

**S2** – Ex-machina.

**GENEBRA** – Esperei o rio de pedras preciosas...

**IMEDIATO** – Não se vê o sexo dos anjos. Que chatice.

**GENEBRA** – O rio seco das pedras preciosas e semi...

**S2** – Ex-machina. Azul cá em cima!

**GENEBRA** - ... preciosas.

**S3** – É normal agora vamos descer está bem, tenho vertigens.

**COMANDANTE** – Voltemos à base helôhelôhelô... (peixes, glúglú, imponderabilidade-menos Imediato)

**IMEDIATO** (fora de cena) – Lost and found on the beach by surfurs.

**GENEBRA** (falando com botões) – Esperei! (peixes saem, alguns fitam-na; um último dirige-lhe a palavra) O rio seco de pedras preciosas.

**S4** – Estarei em que parte desse sonho em que coloco as perguntas insensatas numa prateleira de cálices?

**GENEBRA** – Esperei esse leito de brilhos em correnteza breve. Os choques manifestos ou apenas o tinir breve.

**S4** – Em que parte?

**GENEBRA** – Ansiei as cores poligonadas, participei a distância nessa comitiva de calhaus angulosos, intocável...

**S4** (fora de cena) – Intocável.

**GENEBRA** – Intocável. Polia-me de aguardar.

## OS ANTEPASSADOS DE FAUSTO

**LUCIANO** – Ela implorou-me de joelhos! Era impossível resistir aquela choraminguice.

**TERÊNCIO** – Bastava-te um simples telefonema! Já tínhamos carregado a mercadoria, maldito sejas, gue!

**LUCIANO** – Estou-me nas tintas. Tinha o bilhete para África. Comprei lá uma fazenda com um enorme embondeiro. Oh, o crime não compensa!

**TERÊNCIO** – Havia um plano estabelecido...

**LUCIANO** – Porque me obrigas a falar destas coisas, soffro.

**TERÊNCIO** – O plano dizia...

**LUCIANO** – Sofro!

**TERÊNCIO** – Não saíres daqui. Avisei-te quanto à Loura Americana Explosiva. Lembras-te, libidinoso?! Não precisavas apaixonar-te Luciano, oh Luciano porquê? O que é isso aí no copo?

**LUCIANO** – Carços de anona. Um homem tem de plantar uma árvore.

**TERÊNCIO** – Boa!

**LUCIANO** – No Verão é que era bom. Almoçávamos anona percebes, depois um passeiozito a vislumbrar as modas... Queres sair daqui enquanto é tempo ou não?

**TERÊNCIO** – Ensinas-me a nadar?

**LUCIANO** – Espera, devem haver por aí 2 bóias...

**TERÊNCIO** – Ela está à nossa espera.

(Noutro plano Loura Americana Explosiva, acena com um lençol branco)

**POLÍCIA** – Agarrem-no, prendam-no, o crime não compensa!

**LUCIANO** – Com mil demónios!

**LOURA** – Luciano tens de ter coragem; cometeste um homicídio querido; tens de ir preso percebes?

**LUCIANO** – Mas...

**LOURA** – Nada de mas, colabora com o senhor, vá lá.

**TERÊNCIO** – Eu calculei, gue!

**LUCIANO** – Querida quando sair daqui arranjo um bom emprego, ainda te vais orgulhar de mim!

**LOURA** – Terêncio, ampara-me, desfaleço...

**TERÊNCIO** – E a mercadoria heim, os milhões heim; preciso de proteínas, vou beber um galão. (deixa cair Loura Americana Explosiva)

**LOURA** – Levantas-te todos os dias de manhã cedo Luciano e vais de bicicleta para o emprego e eu aiai, levo as granadas ao coronel; pus de parte umas economias...

**POLÍCIA** – Granadas ao coronel?!

**LUCIANO** – Economias para quê?

**LOURA** – Ficam tão bem um ao lado do outro... é assim, na realidade, eu faço contrabando de armas para a resistência e assim consegui juntar umas economias...

**POLÍCIA** – A resistência ao pérfido Leandro? Ótimo.

**LOURA** – Para pagar as tuas dívidas ao jogo...

**LUCIANO** – Mas eu não jogo!

**LOURA** – Pois é, mas jogo eu e compreendo querido, contrai dívidas em teu nome e sinto-me muito mal se não as pagar!...

**POLÍCIA** – Começo a amá-la perdidamente, Loura Americana Explosiva.

**LOURA** – Trate-me por Laé...

**POLÍCIA** – Laé?

**LOURA** – São as iniciais do meu nome, oficial!

**LUCIANO** – Querida não estarás a ser muito impulsiva... (Terêncio entra de rompante)

**TERÊNCIO** – Luciano, meu amigo, venho ajudar-te contra esta iguana platinada: 1.º tu sofres de amnésia; 2.º é assim, tu jogas à brava, tens um vício doidodoido; 3.º no casino, heim, sai o 14 vermelho tens o 14 preto, heim; perdeste a massa toda e vai disto pedes um empréstimo ao pai dela para fazeres contrabando de gasosas espanholas, heimheim? E como és sempre apanhado e o velho anda sempre atrás de ti, dás cabo do velho! Rapaz, meu rapaz, vês agora rapaz!

**LUCIANO** – Ela então queria que eu morresse de ciúmes.

**POLÍCIA** – É uma morte dos diabos.

**LUCIANO** – Com mim...

**POLÍCIA** – Diabos me levem! Não compreendo!

**LUCIANO** – Loura, lournalouraloura, porquê?

**LOURA** – Não devias ter morto o papá, eu gostava muito do papá.

**POLÍCIA** – E aquilo das granadas?

**TERÊNCIO** – Ah, isso faz parte da nossa maneira de ser, é um costume cá da terra sabe, típico!...

**LOURA** – Luciano o Terêncio tem razão vou-me (tira pistola, guarda a pistola) embora.

**LUCIANO** – Cuidado, Louraaaaaaa! (Loura pisou bomba “petrificadora”, fica em estátua)

**POLÍCIA** – A sua sorte Luciano é que vai haver uma amnistia presidencial. Terêncio venha beber um copo, Loura... fique à vontade.

**TERÊNCIO** – A sociedade não se muda assim não concorda?

**POLÍCIA** – Assim como?

**TERÊNCIO** – Assim!...

**POLÍCIA** – Assim como!?

**TERÊNCIO** – Vai-te lixar. (saem)

**LOURA** – Luciano!

**LUCIANO** – Hum!

**LOURA** – Faz-me cócegas.

(Luciano obedece, ela ri que nem uma perdida e liberta-se do efeito da bomba “petrificadora”)

**LOURA** – Obrigado, libertei-me do efeito da bomba “petrificadora”.

**LUCIANO** – Loura, o teu pai era um escroque, psiu, um escroque sim; só pensava nas aparências nas convenções, embrulhado em pão ralado parecia um senhor, mas por dentro loura, aquilo era de muito má qualidade...

**LOURA** – Não, o papá era bombobombom!

**LUCIANO** – Estás transtornada Loura, o teu pai só te dava chocolates; para ti era o rei dos bombons, mas não era bom, não loura; aliás só de pensar nisso tenho crises de fígado. Ele, ele, ahhh, não consigo.

**LOURA** – Lulu, embrace moi!

**LUCIANO** – Não me chames isso marota...

**LOURA** – Lulu...

**LUCIANO** – Marota... uma festa é que fazia falta, como antigamente... marota...

**LOURA** – Antigamente odiavas festas Lulu (faz-lhe festas)...

**LUCIANO** – Quieta marota, eheh, odiava as pessoas que não se embebedavam nas festas, presumidos! Que saiam 5 minutos antes delas acabarem, o fim é sempre uma chatice; dos que só pensam no verniz!

**LOURA** – Bem, vou-me formosa, segura, aiai, vou às compras, moderna, eficiente, xau; algum recado para Terêncio?

**LUCIANO** – Deixa-me abraçar-te, oh, oh, cheiras tão mal; diz-lhe que apareça, oh, oh...

**LOURA** – Estou a ser esmagada, oh, oh...

**LUCIANO** – E que traga o dominó Loura. Hum, hum...

**LOURA** – Hihhi! (sai)

**TERÊNCIO** – Esteve cá a Loura Americana Explosiva? Psiu, é apenas uma pergunta retórica.

**LUCIANO** – Fez uma grande fita, falou-me da maquillage nova e de um magnífico presunto de Chaves que lhe mandou a tia.

**TERÊNCIO** – Sempre a mentir seu maroto...

**LUCIANO** – Bem, trouxeste o dominó?

**TERÊNCIO** – Lu, somos amigos, queria falar-te de um problema que me afecta... (Loura entra de rompante, começa a música; dança com Luciano. Terêncio continua a explicar o seu problema). Bem vê's Lu, antes de começar toda esta embrulhada eu trabalhava na vistoria do material circulante, comboios! Passava a vida de um lado para o outro em vistorias; chegavam a mandar-me 4 vezes seguidas ao mesmo sítio, percebes Lu?! Caramba, uma bastava. E depois os chefes, eram todos chefes, menos eu, eu não era chefe; nem tinha direito a um carrito!... Mandavam faxes com o meu nome a confirmar a vistoria, os bastards vigiavam-me constantemente, bastards! Uns corruptos, aquilo era um grande negócio; estavam a encher-se de dinheiro e se eu nos relatórios referia alguma coisa que não estava bem, nem ligavam. Queriam que tudo estivesse bem. O que é que eu andava lá a fazer Lu? Mas precisava daquilo, daquela prisão, um homem da minha idade tem tão poucas alternativas...

**LUCIANO** – Mas tu és novo Terêncio!

**TERÊNCIO** – Pois sou, pois sou... E ela, com ela a vida era um inferno...

**LOURA** – Ahahahahahahah!

**TERÊNCIO** – Tinha tudo meticulosamente arrumado. Quando eu chegava a casa era obrigado a tirar de imediato o sobretudo, calçar os chinelos que estavam cuidadosamente colocados à direita do bengaleiro numa caixinha branca. De seguida apitava, aquele silvo a chamar para a refeição, a comida nunca me sabia bem por causa do apito. Tinha de vestir o pijama, sentar-me a ver os programas dela : barulheira infernal...

**LUCIANO** – Com mil demónios! (Loura sai)

**TERÊNCIO** – Não tinha para onde ir e ela falava alto, alto, dos cursos, das amigas, das novelas... Imagina que no Natal gastou o dinheiro quase todo em prendas!

**LUCIANO** – É o costume...

**TERÊNCIO** – Apetecia-me esmurrá-la mas havia o miúdo...

**LUCIANO** – Como é que ele está?

**TERÊNCIO** – Enorme, mal lhe vejo a cara... não sei o que pensa. O miúdo só ouve cassetes, e o vídeo, jogos de computador. Detesta Francês! Tem negativas a Francês e só estuda Geografia e História, como o pai. Antigamente não era assim, havia menos gente; isto hoje está superlotado.

**LUCIANO** – Tanta gente!...

## APRESENTAÇÃO DO ARAUTO

**ARAUTO** – Vou dizer a verdade! (sussurra, incompreensível; o terreno está minado, tensão; os outros observam) Pode ajudar-me com uma frase? (alguém sai) Se eu disser que digo a verdade estarei a mentir? E se um milagre acontecesse?

**B** – Não pomos esse tipo de questões.

**D** – Um milagre prova apenas escassez de argumentos ou excesso de confiança. Milagre, milagre...

**ARAUTO** – A confusão paira no mundo!

**A** (pede autógrafos) – Gostamos sinceramente deste Arauto, achamos que vai vencer na vida.

**C** – Há nele uma inconsciência que motiva a nossa curiosidade.

**ARAUTO** – Não tenho experiência suficiente, sou ingénua. Disseram-me :

**D** – É ingénua não temos dúvidas.

**A** – Não temos dúvidas. Mas gostamos dele.

**B** – Gostamos dele como gostamos de pudins.

**D** – Sacrificaríamos a nossa vida por um pudim?

**ARAUTO** – Ingénua. Componho a máscara do sofrimento e da alegria.

**MEFISTÓFELES** – Quando finjo receio não encontrar o meu fio de pureza. Vejo cicatrizes indeléveis... mas acabei sempre por encontrar o fio de pureza.

## CONVERSAS: UM JOGO

(Ligeira mudança de atitude por parte dos intervenientes; os actores como que falando de si e do seu papel na peça; continuando uma espécie de evocação de constrangimentos)

**D** – Bisbilhoteira, bisbilhoteira! A vida dos outros, o seu exemplo não me consola. Bisbilhoteira!

**E** – Luz, luz, luz...

**FAUSTO** – O mais trágico em mim é a rejeição, sinto que acabarei por rejeitar tudo. E que esse vazio, deveras fictício, é apenas sintoma de uma obsessão por Deus.

**C** – O mais importante é a teimosia, é ela que nos envaidece. Pensamos que é tudo mais complicado porque pensamos por imagens e existem demasiadas imagens. O pensamento é um écran de sessões contínuas; não há silêncio. A minha teimosia não tem imagem, relaciona-se essencialmente com o meu corpo; é uma teimosia física.

**O QUE TOCOU TROMPETE** – Cansei-me da dialéctica; cansei-me de procurar explicar o dinamismo do mundo! Quero tudo quieto, estático!... Nada se mexe, nada se agita, na imobilidade latente de tudo, o mundo parou.

**MEFISTÓFELES** – A desobediência marcou a minha infância. Era uma desobediência sem sentido; apetecia-me discordar por capricho, talvez por insegurança, cobardia nos momentos decisivos... não sei. Sou má pessoa, sou má pessoa! Há quem tenha nascido para carregar esse fardo; fiz da desobediência um princípio de vida.

**B** – O problema das relações humanas, hoje em dia, é a dificuldade de se formarem grupos. Os agregados temporários que se formam obedecem mais a impulsos extemporâneos do que propriamente a uma vocação explícita; a uma vontade cultural alicerçada num espírito de corpo ou apenas numa convicção solidária, em valores passíveis de comunhão. Temos reacções xenóforas, racistas, nacionalistas, egoístas; pois que paradoxalmente o indivíduo está em crise; à priori uma crise de identidade que tem as suas raízes em problemas de formação e nas dificuldades do próprio tempo. Poucos são os que estão em paz com os seus desejos; vivemos num mundo intermitente, o que hoje é bom pode não sê-lo amanhã; e a vertigem tecnológica torna aberrante todas as especulações; em 100 anos avançamos mais que em 20 séculos. A maioria de nós ou põe em causa tudo, sem razão aparente, ou agarra-se com unhas e dentes à rotina diária dos seus caprichos; à repetição eventual das mesmas coisas; à vida como repetição virtual de um destino calculado ao pormenor. A individualidade órfã, descaracterizada, sem referências, em trânsito, deixou-nos a braços com um problema de comunicação; cada vez falamos menos uns com os outros; cada vez nos lembramos de menos palavras.

**D** – Prefiro-as quando imaginavam. Não preciso de saber os seus sonhos; basta-me olhar para as suas caras.

**C** – Eles morreram por isso, todos os que involuntariamente odiei porque apenas involuntariamente o fiz. Estou inocente. Aos que me traíram não os rejeitei de imediato; mantive uma indistinta esperança que refinou a traição num veneno cruel. Mas não lhes servi esse veneno.

**D** – Um rosto basta-me, a visão fugidia de um rosto para imaginar uma vida. O suor escorre-me da fronte, cola-me as pálpebras (cerra os dentes), dando-me um gosto estranho de existir.

**B** – Estou na fronteira, na bicha para passar a fronteira. Alguém no outro lado dirige-me a palavra.

**A** – Falemos da Babel privada, a de estarmos aqui. Somos agentes de um palavreado singular por vezes sem palavras; uma metáfora que discernimos durante o diálogo mais ou menos longo da nossa vida. Heráclito dizia que não nos banhamos 2 vezes na mesma água do rio. Ser presume-se dessa dificuldade: Heidegger falou disso. Antes de sermos existe a palavra e antes da palavra nada existia.

**ARAUTO** – Respirar, viver. (sai)

**D** – Eh, volte aqui!

**B** – Se esperarmos durante muito tempo, talvez nos tornemos doutores em esperar e daí retiremos uma utilidade inesperada.

## **A DANAÇÃO DO ARAUTO**

**C** – Esse saldo de sorrisos.

**D** – A hipocrisia (gesto de boneco articulado), a superficialidade (sopra)

**E** – Alguns hipócritas forem brilhantes. Juro por Hipócrates!



A – Levanta-te!  
C – Não sou capaz.  
A – Tenta!  
C – Amanhã consigo.  
A – Lembras-te dos cisnes?  
C – Deixaram de aparecer; agora só há peixes vermelhos.  
A – E Jacintos...  
C – E Jacintos.  
A – Devem ter ido para o norte.  
C – Se não estão aqui estão para norte, mais a sul é difícil, já lá estiveram.  
C – Um dia um homem veio ter comigo e perguntou-me pelos cisnes. Era conde.  
A – Pois é, o rio com um bando de asas brancas a baterem, chapinhando na água e erguendo-se nos ares com elegância...  
C – Diz-me pouca coisa.  
A – O quê?  
C – O rio sem os cisnes.  
A – É por isso que não consegues levantar-te?  
C – Estou à espera.  
A – À espera dos cisnes?  
D – Dos meus irmãos; é amanhã que vêm buscar-me...

## FIM DA PARTE I

## PARTE 2

### PONTO DA SITUAÇÃO

**GENEBRA** (para Mefistófeles) – Há coisas que ele esqueceu Doutor; é como se tivesse passado por um longo período de provocações e o entusiasmo tivesse esmorecido. Mas estou optimista, reaprendeu o gosto das longas caminhadas, não fala mas escreve-me cartas. Veja Doutor... (dá-lhe carta – 2 folhas, para ler)

**FAUSTO** – Eu não tinha dias, só tinha noites, o escuro invólucro da noite não me deixava sair! Suava longas horas seguidas, por vezes ao relento, com a cabeça a latejar. À minha volta cacos de garrafas partidas.

**MEFISTÓFELES** (lendo) – “O hino nacional enchia-me de desejo... um desejo... um desejo lascivo por mulheres vestidas com a bandeira, hieráticas, frias...”

**FAUSTO** – Eu sei que a minha mão dói, mas continuo a fixar cada pormenor das paredes de tijoleira. Os ratos...

**GENEBRA** (espreitando por debaixo de um pano presumível gaiola) – Os ratos Doutor!

**FAUSTO** – Porque me lembro deles?! São ternurentos os ratos têm uma casinha como nos desenhos animados.

**MEFISTÓFELES** (deixa carta; coça a mesa com o indicador, faz hamster) – Comprei um hamster para o meu filho.

**GENEBRA** – O seu filho Doutor?

**FAUSTO** (Mefistófeles volta a ler carta) – Meu amor, ao receberes esta carta, recorda-te primeiros dos bons momentos que passamos juntos, para que não sejas injusta nesta hora difícil. Tenho a dizer-te que apesar de todos os esforços vou continuar retido nesta guerra inútil.

**MEFISTÓFELES** – Que guerra?!

**GENEBRA** (faz massagem a Mefistófeles) – Uma guerra antiga.

**FAUSTO** – Ao adivinhar a tua frieza apetece-me desde logo despedir-me; mas confio na chama do nosso amor e assim sendo contínuo...

**GENEBRA** – Nesta parte torna-se incoerente...

**MEFISTÓFELES** – Horas de partida, horas de chegada...

**GENEBRA** (tira carta a Mefistófeles) – Um presumível plano de ataque, com um nome de código : AMBRIZ parece, é praticamente ilegível... (devolve-lha)

**MEFISTÓFELES** – “Bem sei que tenho de lavar os pés todos os dias...”

**FAUSTO** – Suo muito dos pés, é verdade...

**MEFISTÓFELES** – “mas será que deus”...

**FAUSTO** – Deus!

**MEFISTÓFELES** – Outra vez. Deus! (amassa primeira folha da carta)

**GENEBRA** (insinuante) – Deus e os santos Doutor...

**FAUSTO** – É um deserto e não é deserto; a minha adolescência partiu, não é um deserto.

**GENEBRA** – O espinho na pata do leão.

**MEFISTÓFELES** – O tratamento vai demorar um certo tempo.

**FAUSTO** – Atrapalho-me, percebo sempre demasiado tarde o que me estão a dizer; fico calado, envergonho-me disso percebes?!

**GENEBRA** - Sim!...

**FAUSTO** (Mefistófeles faz colina com segunda folha; brinca, atirando a bolinha que era a primeira folha em direcção ao triângulo formado por colina) – O cordão de luzes assemelhava-se à Grande Muralha : colina acima, colina abaixo, convenceu-me da inutilidade da moral. Eu quis dizer basta. Ele sabe que o quis! Mas o Exagero tomara conta de mim, tu dormias, e o Exagero fizera de mim uma coisa sem escrúpulos.

**GENEBRA** – Agora compreendo como se desenhou em mim a maldade (Mefistófeles come um bocadinho da colina; abraça Genebra), espero que testemunhes em como... sofri demasiadas pressões...

**FAUSTO** – Eu também, via tudo na mesma; tudo soava a falso, a falso... foi por isso, por todos os ressentimentos, pela maneira idiota como falavas, como repetias os mesmos tons impertinentes!

**GENEBRA** – O amor acaba sempre por nos desiludir...

**MEFISTÓFELES** – Não é interessante.

**GENEBRA** – Amamos quando nos lembramos. (Mefistófeles afasta-se pensativo)

**F** – Todos temos direito a uma ilha de silêncio. Se tivéssemos o mérito do combate heróico, da disciplina táctica, da persuasão. Eles viram como fomos ternos com as crianças, como não nos devem julgar!

**GENEBRA** – Ouviste, não nos deves julgar!

**MEFISTÓFELES** – Acalme-se...

**GENEBRA** – Avisei-te da minha impaciência...

**FAUSTO** – Da minha dor de pés por andar tantos quilómetros atrás de ti! Nem o ar fresco da serra me fazia bem, nem os regatos lípidos me acalmavam o olhar assustado; nem as lebres...

**GENEBRA** – Desculpe Doutor... (Mefistófeles atira cartas fora)

**F** – E os sapos deixavam-me hirto, esses sapos verdes tocadores de trompete! (Mefistófeles bate na mesa como se fosse porta)

**GENEBRA** – É a alma dele...

**MEFISTÓFELES** (saem simultaneamente Fausto e Genebra) – Vai lá, vai lá abrir a porta e não te queixes, não te queixes nunca da vida que Deus te deu.

## DIÁLOGO ENTRE FAUSTO E MEFISTÓFELES

**FAUSTO** – Finalmente algum tempo de relax, sem a vertigem costumeira. Essa espécie de negligência que toma posse dos espíritos demasiado sensíveis (ri). Um homem normal, acharia isto uma aberração; faltam pistas que permitam compreender o Drama. O que ele (aponta para si) quer dizer – como esta frase me irrita! – resulta de uma enfermidade, delírius! Dormiu mal a noite passada; o que constitui um bom argumento, não lhe parece?

**MEFISTÓFELES** – Receitas provenientes de várias latitudes. Eis aqui (mostra versões do mito de Fausto), a lista dos curandeiros.

**FAUSTO** – Temos de prosseguir caminho (faz força com o pensamento), falta pouco...

**MEFISTÓFELES** – Você encontrou uma ocupação muito arriscada!

**FAUSTO** – Diz bem, caçador de cabeças não facilita muito o contacto cultural.

**MEFISTÓFELES** – Algum desgosto na vida?

**FAUSTO** – Oh não, mais não!...

**MEFISTÓFELES** – Vous êtes une aberration!

**FAUSTO** – Idem. Espanta-me a sua perspicácia; é incapaz de me conceber sem desgostos?

**MEFISTÓFELES** – Pois, mas o mundo espera de si grandes feitos...

**FAUSTO** – O mundo somos nós, aqui, neste instante.

**MEFISTÓFELES** – E este instante, aqui somos nós?

**FAUSTO** – Você já se esqueceu das coisas realmente importantes; lembra-se do que lhe dizem valer a pena lembrar.

**MEFISTÓFELES** – Isso é um conselho?

**FAUSTO** – Os resíduos de individualidade que lhe restam são tão insignificantes que ficaria assustado se lhe chamasse a atenção para eles, búúúú!

**MEFISTÓFELES** – Tenho razões que você nem sonha! Aliás, esta conversa faz parte de um plano mais vasto que inclui a sua aniquilação sumária.

**FAUSTO** – Outros surgirão clamando justiça. Justiça ou apenas numa vingança surda, búúúú! Que importam os seus planos sórdidos se não compreende; arrisca-se a uma psicose homicida... é isso que quer?...

**MEFISTÓFELES** – Tanto me faz; matá-lo por capricho, um capricho cujo horror iluminaria as nossas vidas com a marca da solenidade!

**FAUSTO** – Acredita em Deus?

**MEFISTÓFELES** – Trata-se apenas de uma Verdade colectiva capaz de organizar a sociedade num temor comum, instaurando um sentido de justiça por via de uma sensação de arrependimento... Não está mal...

**FAUSTO** – Ah, você é incapaz de fazer mal a uma mosca!...

**MEFISTÓFELES** – Bastar-me-ia tirar-lhe uma asa.

**FAUSTO** – Não terias testemunhas para o seu acto de fé, para o seu ritual de consagração.

**MEFISTÓFELES** – Os sacrifícios são necessários para nos compenetrarmos no Excesso e mais facilmente entender a Moderação. Você tem medo, isso agrada-me; afinal tem razões para viver, nem que seja apenas por esses receios insolúveis, por essa cobardia inata que lhe destitui a dignidade.

**FAUSTO** – Apetece-me rir; não, não, não estou a fugir ao assunto; quase me deixei levar pelas suas insistências. De repente, vi uma pessoa, uma má pessoa, mesquinha, mas uma pessoa; um indivíduo baixo cuja sordidez pode operar grandes mudanças...

**MEFISTÓFELES** – Subestima-me. É insensato.

**FAUSTO** – Pelo contrário, respeito-o. Os líderes têm de inculcar respeito, e o pressuposto desse respeito é o medo. Um medo de anedota neste caso; mas limpo e agradável como tal merecedor de atenção. Você vai salvar-nos a todos meu amigo porque é ambicioso; honra à sua conduta que faz de si um herói em potência! As suas ambições não são banais, põe em causa a integridade física do seu semelhante, e quiçá a espiritual! Os seus objectivos são claros: quer constituir uma seita religiosa sem fins lucrativos; quer fazer do sexo dos anjos motivo de discussão acesa. Você é um entertainer refinado, um VIP, um frequentador do jet set...

**MEFISTÓFELES** – Ao contrário do que pensa não existe essa coerência no meu programa. Para lhe ser franco, não tenho sequer programa; improviso meu amigo. Nenhum livro trata da minha vinda ao mundo. Passarei por cá porventura sem deixar marcas duradouras... mas também sou partidário da efemeridade como consequência última. Acho que se amanhã o encontrasse, não lhe falaria.

**FAUSTO** – Respeito os pactos firmados.

**MEFISTÓFELES** – Mas não acredita neles. O seu desdém está na proporção dessa irrequietude de menino; mas ao invés das crianças você nem retira prazer de quase nada.

**FAUSTO** – São fases da vida.

**MEFISTÓFELES** – Não, essa é a bebedeira em que se reconhece como homem, é com tédio que se embriaga; é nessa pena de si mesmo que se compraz de existência, que vislumbra um sentido para a vida, então... porque não fazer desse torpor a matéria de um espelho negro que apagará o seu rosto num profundo e denso abismo; um abismo cujos limites oscilantes a sua imaginação afaga...

**FAUSTO** – Papoilas...

**MEFISTÓFELES** – Nessa torrente de ideias imprecisas... talvez tenha paz, talvez...

**FAUSTO** – Deixei de o ver... eclipsou-se, a luz refundou-o numa escuridão que não domino. Atraente atraente, que me convida para um retorno; provas deixadas escapar na minha correria imbecil... um novo rosto se perfila sem deixar no entanto de o reconhecer como alguém querido; é apenas a mesma cara de à pouco... eu mesmo? Apenas realizando-te com renovado empenho... Gostaria de o tocar, a Ele, Ela!... mas devo macular esta visão; os olhos gastos de tanta coisa! Volto a sentir-me mal, muito mal... mas agora recordo, lembro em pormenor e eles, os pormenores, cantam como um coro de crianças. Estranha promessa de paz, de harmonia com a Natureza. Clama em mim, a Natureza clama em mim... como pude ofendê-la! Ah, afinal pedem-me apenas moderação; alguém chama... diz qualquer coisa, aguarda-me. Aguarda-me confundido com a multidão anónima; ele é a multidão anónima e tem um recado...

**MEFISTÓFELES** (com mala na mão) – Abrindo as portas de par em par, apenas o vento deixa as suas mensagens na cidade deserta.

**FAUSTO** – É provável que nunca consiga confiar em si.

**MEFISTÓFELES** – Isso é importante?  
**FAUSTO** – A que é que chama confiança?  
**MEFISTÓFELES** – Uma relação de confiança estabelece-se à custa de ajustamentos progressivos.  
**FAUSTO** – Então a confiança é importante!  
**MEFISTÓFELES** – Claro que sim. Mas não devemos cair na ilusão de que somos compreendidos.  
**FAUSTO** – Chatice! Estou-me a sentir usado!  
**MEFISTÓFELES** – Acalme-se...  
**FAUSTO** – Saíamos daqui, tenho uma casa na Beira-Baixa, podemos organizar um barbecue...  
**MEFISTÓFELES** – Bem vejo que precisa dos meus serviços...  
**FAUSTO** – É tentador...  
**MEFISTÓFELES** – Será sempre um escravo; como pode deixar de o ser?  
**FAUSTO** – Acha que consigo? Os meus desejos são “normais” tenho a certeza...  
**MEFISTÓFELES** – Venha, venha conhecer a vida!  
**FAUSTO** – Deixe-se de manhas...  
**MEFISTÓFELES** – Fiz-lhe apenas um convite!  
**FAUSTO** – Mas quem é você...?  
**MEFISTÓFELES** – Venha: Cuzco, hotel de 3 estrelas, perdão, 5 estrelas, pensão completa...  
**FAUSTO** – Como se chama este sítio?  
**MEFISTÓFELES** – Ainda não sabemos se lhe vamos chamar Paraíso ou Inferno, Purgatório...  
**FAUSTO** – Compreendo. Devo então confiar em si?  
**MEFISTÓFELES** – Poderá organizar a sua vida... espere, vou buscar o contrato de trabalho... onde está?... Ah, ei-lo! Assine aqui, ouça chamarem por si...  
**FAUSTO** – Não ouço nada!  
**MEFISTÓFELES** – Assine e começará a ouvir. Assine e ouça...  
**FAUSTO** – Não ouço nada...

## **O PEDINTE, A ROLA E O CONDUTOR**

**PEDINTE** – Feri-me. Oh, devo estancar o sangue. Mas preciso de uma luva... ei-la, assim poderei realizar a operação cirúrgica. Ergo os olhos para o céu, baixo os olhos para a ferida. Bah, mete nojo, mas corajosamente continuo. Molho-a com álcool: aiaiai! Gritinhos de ritual, faz parte da encenação; não me dói nada ou melhor dói-me um dente, o siso, dói que se farta...

**ROLA** (voando) – Olá borracho!

**PEDINTE** – Uma rola ou uma codorniz, não compreendo!

Borracho! Terei cara de pombo ou serei bonito?

**ROLA** – Olá codorniz!

**PEDINTE** – És uma codorniz?

**ROLA** – Não estou a falar de ti, hipopótamo!

**PEDINTE** – Bis?

**ROLA** – É surdo que nem uma porta.

**PEDINTE** – Sou surdo que nem uma porta? Por acaso sou.

**ROLA** – Sou uma Rola, uma linda Rolinha.

**PEDINTE** – Uma codorniz!

**ROLA** – Bis, bis!

**PEDINTE** – Ah, uma Rola. “Bistial”!

(Entra Condutor de caterpillar)

**CONDUTOR** – Vou esmagar o crânio deste prevaricador de aves inocentes!

**PEDINTE** – Imploro-lhe, imploro-lhe 100\$00 para uma sandes. (Condutor dá-lhe o dinheiro) E já agora empresta-me aí 40 contos.

**CONDUTOR** – Bolas, ninguém acredita no meu mau aspecto; (canta) “Vou partir para aquela estrada onde um dia...”

**PEDINTE** – Um dia?

**CONDUTOR** (espirra) – Sou alérgico ao cloreto de sódio, é uma alergia muito estúpida porque completamente improvável!

**PEDINTE** – Já agora passa-me aí um cheque de 800 brasas!

**CONDUTOR** – Uiuuuuuuuuuuuuu! Isso não.

**PEDINTE** – Fico-me pela contemplação das nuvens acasteladas.

## DIÁLOGO ENTRE FAUSTO E O VENDEDOR DE INSTRUMENTOS

**VENDEDOR** – Então o que vamos levar hoje excelência?

**FAUSTO** – Ando à procura de um violino.

**VENDEDOR** – Violinos temos, excelentes. E violoncelos também... Aliás, temos vendido imensos violinos nos últimos tempos, violoncelos também. Mas tem sorte, muita sorte excelência pois temos o que procura!

**FAUSTO** – É para oferecer a uma pessoa de família.

**VENDEDOR** – Entes queridos, muito bem; família, muito bem, todos temos família, felizmente, menos os órfãos claro, mas não somos órfãos, pois não? Eh, eh, eh... era uma piada. Bach, com Bach vou ao céu... e volto claro, eh, eh, bilhete de ida e volta, claroclaro; que música límpida, diria mais, que música límpida!...

**FAUSTO** – Ouça...

**VENDEDOR** – Todos os dias ao deitar, antes de adormecer; o saco de água quente no Inverno e Bach! No Verão prefiro a janela aberta, respiro melhor compreende, sou claustrofóbico desde os 13 anos e no Verão bem sabe, as poeiras, nem quero pensar...

**FAUSTO** – Mas...

**VENDEDOR** – É isso, quer um violino; vendo-o se me prometer que lhe limpa o pó todos os dias! Mas que digo eu excelência, um homem do seu quilate sabe perfeitamente os cuidados a ter com uma peça desta qualidade; são remarcáveis os acabamentos, veja! O verniz tem segredo, psiu... trata-se de um exemplar do século XVIII, repito XVIII; escola Gremonense, repito Gremonense... raridades destas tornam a vida em bela vida!

**FAUSTO** – Está acima das minhas possibilidades de momento...

**VENDEDOR** – E o violoncelo, não quer levar?! É mais barato...

**FAUSTO** – Tenho negligenciado os contactos com a família. Vou adiando visitas porque surge outra coisa e olhe...

**VENDEDOR** – Digo-lhe o seguinte; para mim, o mais importante são os meus; por eles, dava... olhe, não lhe digo mais. Mas entretanto fixe isto meu amigo: não adie... leve o violoncelo e o violino; é um bem que faz a si e aqueles que o amam.

**FAUSTO** – Estou um bocadinho confuso...

**VENDEDOR** – Quer pensar? Pense, mas pense bem; não tenha medo de pensar bem. Pensar faz bem, se se pensa bem. Está confuso? Pense bem, que só lhe faz bem; faz-lhe mal se pensar mal, por isso pense bem, pense comigo! Quer que o ajude?

**FAUSTO** – Devia poupar dinheiro, assegurar o futuro, além disso há outras coisas mais importantes para comprar... um aspirador, por exemplo...

**VENDEDOR** – Excelência, realiza, realiza... o Doutor, sabe o que quer? Quer o violino para oferecer a um ente querido, quer o violoncelo para si? Se quer, assumo que quer, queira! Queira bem, queira o que quer! Quem não quer o que quer, não sabe o que quer! E quem não sabe o que quer, perde tempo. Já me apaixonei Doutor, Deus tenha a sua alma em descanso... mas nunca perdi o discernimento... compreende?

**FAUSTO** – A casa da debutante, nervosa nos seus sapatos brancos.

(ouve-se violino)

**VENDEDOR** – Sabe Deus como gostei da minha mulher Doutor F! Agora só penso nos meus filhos. Sou um homem velho Doutor; não tenho a sua energia, muito menos o seu talento. Veja se me compreende, só quero o seu bem...

**FAUSTO** – Acredito, mas não percebo aonde quer chegar.

**VENDEDOR** – Vai um whisky? Por conta da casa. Vou-lhe ser franco: o senhor é um egoísta.

**FAUSTO** – De que está a falar?

**VENDEDOR** – Mil perdões, mil perdões... Mais, o senhor é um hipócrita, mil perdões, mil perdões, e continuando...

**FAUSTO** – O senhor podia baixar o preço! Sei que toco mal violino; que não sei pelo menos tocar como um violinista, mas toco à minha maneira...

**VENDEDOR** – Olha, olha, não sabe tocar violino... então eu tenho estado a perder tempo consigo! Um humilde vendedor que quer agradecer ao cliente, ganhar o seu pão... e um sujeito que não quer o violino, nem o violoncelo e bebe do meu whisky, francamente!

**FAUSTO** – Estou desolado.

**VENDEDOR** – Mil perdões, mil perdões; dois mil perdões! Repare que hoje em dia já não é como antigamente; dantes era tudo mais assim (gesto), firme, direitinho, bingo! Agora é tudo muito leve, puf, não convence... mas eu convenco-o a levar o violino e o violoncelo; dou-lhe a oportunidade de se mostrar um cidadão válido, de adquirir uma mercadoria útil! E não o estou a enganar, desde que entrou que percebi que não sabe tocar violino, as suas mãos não enganam, eheh. Mas os seus olhos brilham meu amigo, pois bem deseje, leve, leve e seja leve...

**FAUSTO** – Por vezes canta em mim uma energia tremenda que se reflecte numa maneira alegre de estar convosco. O ciclo prometedora da sapiência fecha-se; as regras selei-as em hábitos simples, a conduta em habituação persistente às dificuldades surgidas. O ritmo da cidade apreendi-o; as bichas, os apertos na multidão esmagam, sobrevivi a isso e saboreei essa vitória chamando à multidão; caos promissor. No ar poluído, nos animais mortos, nas plantas amarelecidas vi painéis gigantes anunciadores de um perigo inaudito: STOP. Eu era pequeno, escapava-me, porque a Natureza cantava em mim o caos promissor.

**VENDEDOR** – Temos violinos, violoncelos, violas de gamba, acordeões. Pianos, cravos, fagotes...

**FAUSTO** – Sei o que pretende, sei-o muito bem...

**VENDEDOR** – Harpas, aboés, corne inglês, trompa...

**FAUSTO** – Tenho muito que fazer, coisas a tratar!

**VENDEDOR** – Gaita-de-foles, tambores, leve e seja leve... Faça uma sinfonia!

**FAUSTO** – Dói-me o pescoço...

**VENDEDOR** – Estude, estude, veja as madeiras, o brilho dos metais... o som, o som Doutor... (ouve-se orquestra em afinação)

**FAUSTO** – Doem-me os dedos!

**VENDEDOR** – É de tocar violino, estuda muito Doutor F! Ainda está a aprender...

**FAUSTO** – Está a ser muito gentil. Não tenho talento para a música...

**VENDEDOR** – São horas de fechar.

**FAUSTO** (agarra Vendedor pelos colarinhos) – Eu sou capaz de...

**VENDEDOR** – Controle-se; já tem uma história engraçada para contar aos seus amigos!...

**FAUSTO** – Levo tudo e pagarei a prestações.

**VENDEDOR** – Ok, ok, mas não prefere pensar melhor... fico sem nada em stock e...

**FAUSTO** – Pensei o que tinha a pensar.

## O ALMOCREVE E A GAROTA VIVAÇA

**ALMOCREVE** – Eu sou o Almocreve e esta mercadoria é arroz para um cliente. Vrrum, vrrum... olá, uma garota Vivaça a pedir boleia?!

**GAROTA VIVAÇA** – Que linda mota!

**ALMOCREVE** – Porque pedes boleia na Estrada Nacional nº 6, Garota Vivaça?

**GAROTA VIVAÇA** – É a que passa por aqui; vês mais alguma?

**ALMOCREVE** – Percebo porque te chamam Vivaça, Vivaça! Monta aí e toca a sentir o vento nas ventas, úú!

**GAROTA VIVAÇA** – UU. Estou cansada, importas-te de parar para fazer uma necessidade?

**ALMOCREVE** – O que é que tu precisas que eu não te possa dar Vivaça?!

**GAROTA VIVAÇA** – És tão insensível vou-te dar uma martelada na cabeça. Prontos, agora explico-te: é para fazer uma cara bonita ao ambiente. Podias fazer também...

**ALMOCREVE** – Vivaça, darling, posso-te empacotar?

**GAROTA VIVAÇA** – À vontade, sempre às ordens, volte sempre, que rica vida...

**ALMOCREVE** (para público) - Vou segredar-lhes meiguices enquanto a empacoto, úú! (Garota Vivaça delicia-se; faz úú áá. Almocreve dança) Queres dançar Vivaça?

**GAROTA VIVAÇA** (embrulhada, tenta dançar) – Qual é o teu prato preferido Almocreve?

**ALMOCREVE** – Arroz à Vivaça (tem faca e garfo)!

**GAROTA VIVAÇA** – Oh entrego a minha alma ao senhor não sem antes te dar um balázio.

**ALMOCREVE** – Ahahah, (canta) “minha machadinha...”

## DIÁLOGO ENTRE FAUSTO, O QUADRO SUPERIOR DA EMPRESA E GENEVRA

**FAUSTO** – Senhor Engenheiro era para lhe falar da promoção.

**ENGENHEIRO** (*tem compasso*) – Até agora, tem cumprido à risca as recomendações da Empresa. Há contudo alguns aspectos que gostaríamos de aprofundar. O senhor tem lume?... Caluniou alguém nos últimos tempos; que pensa da pátria, da derrocada do leste, o que é que sabe de geometria descritiva, quantas horas dorme em média por dia?

**FAUSTO** – É completamente involuntário... há aqui, ou melhor havia um problema, não sei bem; sinto-me herdeiro de algo e devedor para com esse passado; passado esse que não deixa muitas saídas. Tenho consciência de que tenho consciência e que nada mais posso fazer. Sou tímido e orgulhoso, detesto que ajuízem dos meus actos.

**ENGENHEIRO** – Como bem sabe da nossa Empresa, o empregado está desobrigado de qualquer tipo de horário; apenas tem que dar o contributo do seu trabalho quando se sentir inspirado. Esta medida subjectiva é a recomendada desde que exista ... como direi... confiança.

**FAUSTO** – Ah, confiança... Sou muito sociável, uma excelente companhia.

**ENGENHEIRO** – É apenas isso que lhe pedimos; que nos faça companhia, sem si sentimo-nos muito sozinhos.

**FAUSTO** – Mas porquê eu?

**ENGENHEIRO** – A Empresa gosta das suas perguntas.

**FAUSTO** – O que é a Empresa?

**ENGENHEIRO** – A Empresa é uma sociedade anónima.

**FAUSTO** – O que esperam de mim?

**ENGENHEIRO** – Que venha visitar-nos quando quiser. Tem toda a liberdade...

**FAUSTO** – Se eu me fosse embora...

**ENGENHEIRO** – Você respondeu a um anúncio; deu uma entrevista, passo importante na derrota da sua timidez; falou com Mefistófeles, o Chefe de Pessoal, assinou um contrato; mais tarde endividou-se, e entrou pela porta dos fundos para falar comigo.

**FAUSTO** – O senhor é o Patrão?

**ENGENHEIRO** – O Patrão nunca aparece (*suspira*).

**FAUSTO** – Gostaria de falar com ele...

**ENGENHEIRO** – Está em reunião.

**FAUSTO** – E se esperasse?

**ENGENHEIRO** – Há coisas mais interessantes na vida do que falar com o Ele. (*magia*) Hoje é um grande dia. Ela vem visitá-lo, é um 2 e quer um 7. Quando anda a seu lado você sente-se bem, todos olham para si com admiração...

**FAUSTO** – Primário, primário...

**ENGENHEIRO** – Você esperou toda a vida por este momento. Está surpreendido? Claro que sim. E eu lembra-se de mim, veja bem se se lembra; o meu nariz, veja o meu nariz, é feio; qual é o meu nome? O que eu penso, e o que eu quero (*surpreendido consigo mesmo*)... tem que ter cuidado com o que eu penso e quero! Quero-a a ela, a si? Tolo, pateta!... Quer uma batatinha frita, um croquete, whisky?...

**GENEBRA** – Estarei enganada ou as más línguas dizem a verdade quando o chamam de atrevido? Olha-me languidamente, dir-se-ia... bem, bembem, compreende-me! Deseja-me...

**ENGENHEIRO** – O senhor F deseja apenas falar com o Patrão (*sai*).

**GENEBRA** – O jovenzinho, onde mora?

**FAUSTO** – A senhora lembra-me todas as mulheres bonitas do meu prédio, num só rosto. Morava num último andar e espreitava pelos binóculos. Ridículo, debruçava-me para ver melhor e se perco o equilíbrio...

**GENEBRA** – Dir-se-ia um rebento de alface, camaleão, alface...

**FAUSTO** – Lá de cima via quase tudo, mas perdia os pormenores...

**GENEBRA** – Venha, os sinos tocam a rebate, há festa na casa do Senhor. Não compreende? Faltam sempre pistas para compreender o drama. Hesitas?

**FAUSTO** – Como hei-de pensar na graça dos dias felizes?

**GENEBRA** – Somos tão capazes de tudo que nos merecemos á custa de banalidades. Mas no fundo basta supor que o melhor dos outros será diferente para sentirmos bela a nossa diferença. O medo de fracassarmos não desaparece, apenas nos julgamos e o rumo do processo vai-nos dando a aparência de pessoas livres, gota-a-gota. Em verdade, somos apenas gente ocupada, gente ocupada com o amor talvez; esse amor de flic-flac que temos por alguém na conjura de sermos... Não te creio egoísta por isso não te quero ouvir.

**FAUSTO** – Ainda bem que és assim.

**GENEBRA** – Digo-te que sinos tocam e uma filosofia breve nos entretém apesar de quereses ficar sozinho.

**FAUSTO** – Até já.

**GENEBRA** – Gostarias de sonhar? Essa razão de ténues luzes, o fraseado ágil em que ondeias faz de ti um baú aberto; a certeza, a certeza da toga rasgada que guardas dentro esperando tudo ou apenas um pretexto.

**FAUSTO** – 72 quilos e 600.

**ENGENHEIRO** (*off*) – Está mais gordo.

**GENEBRA** – Alegremo-nos dos ensinamentos que nos permitem tentar a sorte de maneira favorável mas a folia dura apenas o tempo da ansiedade; de resto apetecermo-nos da vida é apenas ousar uma qualquer galanteria.

**FAUSTO** – Vais falar da tua função...

**GENEBRA** – Em resumo a minha função é dizer-te coisas simples; acaso pensaste nelas? Tenho a certeza que sim.

**FAUSTO** – Vais falar das tuas preocupações...

**GENEBRA** – Preocupei-me contigo, por isso suponho que te quis bem; preocupar-me contigo talvez seja um hábito, mas isso não impede que me tenha preocupado. Talvez esteja aqui porque te quis bem e seja recente querer-te bem.

**FAUSTO** – Falaremos das horas...

**GENEBRA** – As horas, como elas cheiram (!), o sumário das nossas hipotéticas horas.

**FAUSTO** – Como elas cheiram bem!

**GENEBRA** – Falaremos disso mais tarde.

**FAUSTO** – Pensarei em véus de chumbo se pensar em véus.

**GENEBRA** – Então, componha-se atrevido! ... Siga-me (jogam às escondidas), siga-me, siga-me. Tem asas nos pés (pega-lhe ao colo)... seu Mercúrio galante.

**FAUSTO** – Pensarei em trutas se pensar nos peixes.

**GENEBRA** – Não pense. Clic (primeiro retrato). Vem trave olímpica. (correm um para o outro; tête-à-tête)

**FAUSTO** – Humm. (tira cinto rapidamente; afasta-se)

**GENEBRA** – Olha para mim. Olha, os meus cabelos são bonitos? São verdes... sussurre-me ao ouvido qualquer coisa, assim não, assim, sim (!), qualquer coisa... por exemplo que gostavas de me ver careca!

**FAUSTO** – Buzinas.

**GENEBRA** – O quê?

**FAUSTO** – Apenas buzinas.

**GENEBRA** – Fica descansado. Fica. “Não venhas tarde amor...” Componha-se! Sim, de facto os propósitos do cavalheiro agradam-me; estou disposta a tudo, tudo, até... a usar um barrete de lâ!

**FAUSTO** (diz que não com a cabeça)

**GENEBRA** – Chapéu de palha?...

**FAUSTO** (não)

**GENEBRA** – Toma um drop!

**FAUSTO** – Drop.

**GENEBRA** – Achas-me estúpida? Eu sei que me achas burra, honk, honk; sou burra; sou burra, honk, honk. Ohhhhh, desculpe o termo (compõe cabelo), não (Fausto mexe lábios), nunca digas... Eu sei, sei, leio o pensamento... a sério, sem fazer força (põe-lhe cinto; ajeita-lhe colarinho), leve, leve, queridinho leve... clic-clic (segundo retrato) aiai...

**FAUSTO** – Se pensar em fruta pensarei em cestos.

(Genebra derruba-o)

**GENEBRA** – Hushimata!

**FAUSTO** – Ah. Em pedras pensa nela. Badalhoca...

**GENEBRA** – Agora inquiete-se, vá, vá! (Fausto puxa-a para si, derruba-a). Trave em mim essas batalhas, seja épico devagar! (noutro tom) Que lindas histórias me contam os seus olhos... serei sua escrava para sempre. Estou a ouvir as suas últimas palavras; enveneno-o e ouço, ouço as suas últimas palavras... (desfalece; Fausto tenta reanimá-la; Genebra acorda, dá-lhe estalada) Não, não quero ouvir. (Fausto anda de um lado para o outro, envelhece)

**GENEBRA** – Toca aqui, aqui, aqui e acolí, toca, toca, toca lá, abrace-me! Bandejinha de prata, só agora bandejinha de prata... Eu percebi, enfim, queres ir-te embora (envelhecida), queres (?), vai então; os passarinhos dão-me trabalho que chegue. Abandonas-me?! Deixo de te fazer fricções e vou jogar com a D. Zefa!

**FAUSTO** – Zefa!

**GENEBRA** – Ohhhh chichi...

**FAUSTO** – Crédit card. Clic...

**GENEBRA** – Clic. Queres dançar novamente não é isso maroto (diz que sim com a cabeça); eu sei que caças cabeças, queres que cace a tua, que seja Salomé?

**FAUSTO** – Falaremos...

**GENEBRA** (Fausto esboça choro) – Desculpa mas não te corto a cabeça. (beija a própria mão) O rio (novamente)...

**FAUSTO** – Seco? (beija a própria mão)

**GENEBRA** – O rio com os cisnes beijo-te (novamente), beijo-te.

**FAUSTO** – Rio de pedra (novamente) Beijo-te...

**GENEBRA** – Impraticável (novamente) novamente.

**ENGENHEIRO** – Chamam-no ao telefone senhor F.

**FAUSTO** – Vem comigo lá para cima. Atiramo-nos e damos aos braços com muita força!

**ENGENHEIRO** – Telefone senhor F!

**FAUSTO** – Pedi, o que é que eu perdi, perdi alguma coisa, onde estará?... Nem tenho forças para me assustar, nem forças para estar cansado (ri)... beijar-lhe a mão, encore une fois!...

**ENGENHEIRO** – Faz-me perguntas...

**FAUSTO** – O que é que tu tens, o que é que a tua pele significa? Dantes franzias a cara assim, agora já não franjo a cara assim, franzo assado e amo-te, o amor...

**ENGENHEIRO** – Perguntas.

**GENEBRA** – Preparei-me para ti, deste-me um sentido... teria ciúmes caso...

**F** – Sairia daqui imediatamente!

**GENEBRA** – O corpo é demasiado jovem não se quer ir embora.

**ENGENHEIRO** – É o Patrão que está ao telefone senhor F. Sem si sentimo-nos muito sozinhos...

**FAUSTO** – Sê mais simples; conseguimos algo precioso e devemos lutar, compreendes?

**GENEBRA** – Lá no teu último andar nunca te interrompem?

**FAUSTO** – Vocês pretendem arrasar-me, é isso; querem que eu rasteje não é?!

**ENGENHEIRO** – Claro que sim. Diz o meu nome, diz o meu nome!

**GENEBRA** – Exageras! Escuta...

**FAUSTO** – Fico preso a ti, respiro, vejo. Tão pouco o que te peço : que sejas real?... Nem sei se existes adoeço és (Engenheiro faz o sinal da bênção) um 2...

**GENEBRA** – O corpo é demasiado jovem não se quer ir embora.

**ENGENHEIRO** – Aniquilemos o corpo.

**GENEBRA** – Causaria danos irreparáveis tenha a certeza. Ainda não o sinto!

**FAUSTO** – Bater-te?! Tocar-te, uma última vez...

**GENEBRA** – És tão pretensioso, tão amorosamente vulgar...

**FAUSTO** – Queria ouvir isso; queria que o dissesses, sem o saber. No último andar sabes, o essencial concebe-se à distância mas só percebemos depois de estarmos perto, aqui perto de... pressinto mas sei que me escapa alguma coisa porque faz parte do jogo, não é? Lá em cima angustiava-me por não poder participar no jogo, agora sinto-me desapontado...

**GENEBRA** – Tu participaste sempre.

**ENGENHEIRO** – Bem, com tudo isto esgotou-se o nosso tempo. Temos mais coisas para fazer. Está despedido.

**FAUSTO** – Despedido?! O que é que eu vou fazer?

**ENGENHEIRO** – Vá dando notícias.

**F** – Mas...

## CISNES II

**FAUSTO** (para Noiva; Adosinha também escuta) – Ouça boa amiga, um segredo, conto-lhe a minha história. Eu vi o rio de cisnes. Por estranho que possa parecer os meus irmãos calaram-se à minha passagem...faziam-no por bem, a corrente era forte, os meus ombros estreitos. Já antes falei da minha partida? Só agora reparo como estou triste. A minha história começa hoje porque poderiam ser outras as minhas escolhas; enfim poderia até morrer, isso não me abala; como tal nada disto é impressionante, e essa sensação inquieta-me menos do que poderia esperar... compreende porque sou triste e inconsciente? Sinto-me a fazer contas de cabeça e em ligar de bradar aos céus tenho saudades da neve que nunca vi. Acho que queria dizer a palavra leviano... sim, falar de tristeza e inconsciência não é urgente. Vi o rio com os cisnes e eles pareceram-me bem de saúde e eu fiquei silencioso. As pessoas e o mundo são versos, sabe... Li um poema que falava de melros, só me lembro desse. Hoje parto e os cisnes também; hoje coisas antigas permanecem mas não as levo tão a sério, tornaram-se parte de um teatro íntimo. Algures numa terra quente alguém pensa em mim pensando em pedras preciosas. Dessa maneira.

## BANQUETE OU A ÚLTIMA CENA

**ADOSINDA** – Nunca sei quando vocês vêm e fico à espera! Bolas! Podiam avisar não?!

**VENDEDOR** – Está aqui um péssimo ambiente. Vou-me embora. Aliás, primeiro vou à casa de banho...

**ADOSINDA** – Se não há ambiente a culpa não é minha. Se calhar é do vento!

**VENDEDOR** – Porque é que se metem comigo? Sou um profissional. Julgam que percebem mas não percebem nada de vendas de instrumentos, sou um empresário de craveira. Chamo a atenção, repito chamo a atenção, para a vossa responsabilidade cívica! Obrigado.

**ALMERINDA** – Ele tem razão mãe Adosinda; a mãe Adosinda está sempre a implicar; é cínica mãe Adosinda, completamente. (para boneco) Vem cá meu bebezinho.

**ADOSINDA** – O vento, o vento é que vos deixa assim e depois descarregam sobre, sobre, ali...

**MEFISTÓFELES** – Brindemos ao nosso homenageado!

**VENDEDOR** – Excelente Fausto, excelente (abraça Fausto), parabéns!

**ADOSINDA** – Deus quando fez o mundo pôs cá uma série de Adões e Evas.

**TIA LIBÂNIA** – Minha senhora, gosto de a ouvir...

**MEFISTÓFELES** – Mas o Homem precisa de Mistério... Não é mau...

**TIA LIBÂNIA** – Também gosto muito de o ouvir!

**FAUSTO** – A Bíblia fala do essencial; não deve ser interpretada literalmente...

**TIA LIBÂNIA** – O senhor é muito parecido com o seu tio Luciano, e dá ares ao pai e à mãe, tem o narizinho da mãe, mas os pés, ai os pés não enganam ninguém. Que número calça?

**VENDEDOR** – Fausto (outro abraço), excelente, excelente!

**FAUSTO** – Bem, Prometeu, roubou o fogo aos deuses...

**MEFISTÓFELES** – E Dionísio...

**NOIVA** – Está a beber muito! Dir-se-ia um bêbado!

**EMPREGADO** – Tântalo queria beber mas a água desaparecia!

**MEFISTÓFELES** – Homenageemos Tântalo!

**ALMERINDA** – Outra vez! Mãe Adosinda morro de dores de cabeça.

**ADOSINDA** – Eu também. Partilhemos uma aspirina.

**VENDEDOR** – Desculpa Genebra não te posso valer; estou triste morreu-me um camarada de armas.

**ALMERINDA** – Está febril, quer uma canja?

**ADOSINDA** – Os vendedores não respeitam os clientes e tu és vendedor e esqueces que estás em família!

**VENDEDOR** – Uma pessoa mostra a sua competência, vasta aliás e em paga, isto: muito bem, muito bem... Fausto, dê cá um abraço!

**MEFISTÓFELES** – Pão ou broa? As azeitonas são indispensáveis.

**EMPREGADO** – Para mim o ideal é a manteiga de alho! E uma taipas de queijo da ilha, bem picante...

**MEFISTÓFELES** – Brindemos à manteiga de alho!

**EMPREGADO** – E umas taipas de queijo da ilha...picante...

**MEFISTÓFELES** – Já acabou a manteiga de alho? Onde está?

**EMPREGADO** – Está ali...

**NOIVA** – Quero-te!

**EMPREGADO** – Desculpe com quem tenho a honra...

**NOIVA** – Quero-te!

**FAUSTO** – Ouça boa amiga... (novamente a tentativa de contar a história dos cisnes)

**NOIVA** – Tao, tao...

**TIA LIBÂNIA** – Estou muito contente, aqui fala-se de coisas sérias!

**ADOSINDA** – Ai os empregados tratam tão mal os clientes!

**EMPREGADO** – Et pluribus unum!

**FAUSTO** – Sabe latim?!

**EMPREGADO** – Não, é o lema do Benfica.

**MEFISTÓFELES** – Os romanos sabiam-na toda por isso é que iam de toga para as festas!

**NOIVA** – Tão, tão esperto!

**MEFISTÓFELES** – Porque é que não é mais activa?

**NOIVA** – Mãe Adosinda vexaram-se, sinto-me vexada. Sofro!

**ADOSINDA** – Está à vontade querida. Uf, que calor, ninguém se vai embora, está aqui muito calor!

**VENDEDOR** – Eu vou-me embora! Mas primeiro vou à casa-de-banho. Fausto! Estou triste : morreu-me um camarada de armas e ando à procura de um T3. Ao mesmo tempo, percebe? Não. Dê cá um abraço!

**MEFISTÓFELES** – Mas há aqui algum problema?

**EMPREGADO** – Juro, juro, juro que não vou pensar nisso!

**NOIVA** – És tão esperto!

**EMPREGADO** – Repita lá isso novamente.

**NOIVA** – És tão esperto!!

**EMPREGADO** – Acha mesmo?...

**TIA LIBÂNIA** – Vamos falar de imaterialidade!

**ALMERINDA** – Estava justamente a falar de pó...

**TIA LIBÂNIA** – Ah, isso são pormenores.

**ADOSINDA** – É uma porcaria, a maçaneta do vidro não gira!

**NOIVA** – Mãe Adosinda empreste-me o Speedy.

**VENDEDOR** (para público) – Desculpe não a posso ajudar.

**NOIVA** – Vá lá, mas o Speedy!

**FAUSTO** (para Genebra) – Ainda estou vivo?

**GENEBRA** – Ainda.

**FAUSTO** – Todos me dizem o mesmo: que ainda estou vivo.

**GENEBRA** – Camaleão alface.

**VENDEDOR** – A felicidade dura tão pouco...

**ADOSINDA** – O corpo envelhece mas ainda temos prazer.

**NOIVA** – Eu quando era pequena queria ter uma pila. O sofrimento está tão próximo do prazer; o corpo...

**FAUSTO** – Morrer é rasgar o contrato.

**MEFISTÓFELES** – Depende do contrato.

**ALMERINDA** – Vamos ao banho!

**TODOS** – Vamos!

**ADOSINDA** – Na minha casa não; toma na tua que tens mais condições. Detesto esta casa, preferia um T4! Alguém quer uma canja? (Genebra quer)

**ALMERINDA** – Bebezinho, vem cá...

**FAUSTO** – Minhas senhoras acham-me bonito!

**ADOSINDA** – Vêm cá tão pouco vocês e nem avisam! Mas o bebezinho ai, o bebezinho...

**TIA LIBÂNIA** – Tem a sua cara, tal e qual!

**NOIVA** – Tens cara de pombo.

**TIA LIBÂNIA** – Que bom. Falávamos de imaterialidade...

**ALMERINDA** - De pó!

**NOIVA** – Mãe Adosinda empresta-me o Speedy! Speedyyyyy!

**ADOSINDA** – O bebezinho parece um macaquinho! Isto é assim: nós, os gorilas e os chimpanzés temos um antepassado comum e parece que já o descobriram!...

**FAUSTO** – Está a falar do Keniapitécus?

**ADOSINDA** – É uma mulher não é?

**VENDEDOR** – Ter fé causa muito boa impressão na clientela; se não tiver fé eles não compram, eheheh! Fausto!...

**FAUSTO** – Quanto a isso...

**TIA LIBÂNIA** – Ai a imaterialidade!

**EMPREGADO** – Eu tive azar, estive preso, águas passadas. Cumpri sempre as minhas obrigações, águas passadas. Cumpri sempre as minhas obrigações, águas passadas! Tive azar porque nunca era o momento certo: pode-se roubar sem ser punido desde que seja numa boa altura, de fatura por exemplo, nota-se menos. Podemos cumprir sempre e não reconhecerem nunca o nosso valor, porque todos temos um valor não é assim? Bem, penso assim porque tive azar se tivesse sorte... mas não consigo pensar nisso.

**ALMERINDA** – Este nosso amigo é um chato.

**FAUSTO** – Quanto a isso...

**TIA LIBÂNIA** – Vamos jogar aos filmes, imitar os filmes... fazer gestos e depois vocês adivinham qual é o filme.

**MEFISTÓFELES** – É um bocadinho burra a pequena.

**EMPREGADO** – Mas gosta dela não gosta?

**ALMERINDA** – O senhor é mesmo chato!

**VENDEDOR** – Almerinda, braço-de-ferro?

**ALMERINDA** – Está bem.

**VENDEDOR** – Eheheheh.

**ALMERINDA** – Ohohohohoh.

**VENDEDOR** – Eeh.

**ALMERINDA** – Ohoh.

**NOIVA** – Que pensa das estrelas?

**VENDEDOR** – Precisamos de estrelas políticas, do show-biz e empresariais. Eu sou uma estrela empresarial, diria mais, eu sou uma estrela empresarial...

**NOIVA** - Que lógico!

**ALMERINDA** – Os políticos convencem as massas sobre o sistema, os do show-biz apaziguam os bad-boys com escapes e ecrans, e vocês aumentam o número de postos de trabalho!

**VENDEDOR** – Adoro pessoas. Sou modesto, uma estrela modesta...

**NOIVA** – Que lógico!

**VENDEDOR** – Temos que ser sistemáticos.

**ALMERINDA** – Tirar medidas.

**VENDEDOR** – Comparar...

**ALMERINDA** – Agir (vence braço-de-ferro)!

**MEFISTÓFELES** – Bravo! Brindemos!

**NOIVA** – Eu não brindo, hihi!

**EMPREGADO** – Se calhar temos estado a falar de coisas diferentes...

**TIA LIBÂNIA** – Os seus pés também são chatos não são?

**MEFISTÓFELES** – O vinho faz bem ao miocárdio.

**TIA LIBÂNIA** – Eu quando gosto de uma coisa sinto-me motivada. Por exemplo a imaterialidade motiva-me, e a árvore genealógica também. Ao mesmo tempo percebe? Não. Pertence a que ramo, aposto que é parecida com Eva, eu também hihihi.

**FAUSTO** – E a cultura?

**MEFISTÓFELES** – São coisas do diabo.

**NOIVA** – O diabo é liberal.

**MEFISTÓFELES** – Bravo.

**NOIVA** – Tem abertura de espírito!

**MEFISTÓFELES** – Vê!?

**VENDEDOR** – Tenho um enorme sentido prático.

**ADOSINDA** – Ai eu é a conta da luz.

**FAUSTO** – Já se fez muita luz esta noite.

**VENDEDOR** – Detesto que me toquem.

**ADOSINDA** – Eu também!

**VENDEDOR** – Desculpe.

**EMPREGADO** – O dinheiro não é tudo na vida...

**NOIVA** – Eu prefiro jóias.

**EMPREGADO** – Apanhar caracóis manhãzinha cedo...

**TIA LIBÂNIA** (para publico) – Aquela senhora sairá ao pai ou à prima afastada?

**FAUSTO** (para Mefistófeles) – Se eu sorrisse! Porque hoje consigo sorrir?...

**MEFISTÓFELES** – Oh sim, você é um homem, um homem do seu tempo Fausto... nada mau...

**TIA LIBÂNIA** – Talvez se tenha aproximado, a prima.

**EMPREGADO** – Haja saúde!

**MEFISTÓFELES** – À nossa!

**ADOSINDA** – A felicidade está...

**EMPREGADO** – Concordo, a felicidade está...

**ALMERINDA** – Vá tomar um cafezinho a ver se acorda!

**FAUSTO** (para Mefistófeles) – Estou cansado...

**MEFISTÓFELES** – Cumpra o seu papel.

**EMPREGADO** – Tenho um longo curriculum vitae!

**ADOSINDA** – É latim?

**ALMERINDA** – Não, é o diâmetro do umbigo.

**EMPREGADO** – Raramente tomo café; tomei em tempos cariocas muito fracos quase água; aguinha escura! Devia lançar uma maldição sobre todos vocês (lança “maldição”, confetti)...

**VENDEDOR** – Eheheheh, uma piada...

**EMPREGADO** – Existem valores mais altos como... bem, não quero pensar nisso, tomava um xerez de boa vontade...

**ADOSINDA** – Sirva-se, sirva-se mas não entorne...

**MEFISTÓFELES** – Tchim tchim tchim!

**NOIVA** – Não acha que chega, não acha que chega?

**ADOSINDA** – Você até é bonito é pena é ter problemas.

**FAUSTO** – E eu?

**NOIVA** – Dói-me a cabeça!

**FAUSTO** – Parem com o barulho!

**NOIVA** – Agora doem-me os dentes...

**MEFISTÓFELES** – Eu diria que o vinho faz bem à cabeça e aos dentes. Dionísio...

**ALMERINDA** – Caladinho, caladinho...

**TIA LIBÂNIA** – Perdi algumas partes da conversa e lamento, mas gostei muito do que ouvi...

**ALMERINDA** – Deixem o bebezinho dormir!

**ADOSINDA** – Tem sido um prazer. Permita-me uma pergunta: o que faz na vida?

**VENDEDOR** – Parece que trabalha em fibras ópticas.

**MEFISTÓFELES** – Quem diria, daí o imaterial. E a genealogia?

**VENDEDOR** – Nasceu com ela, está-lhe no sangue, percebe, nos genes!...

**ADOSINDA** – Lembrem-se que é mais fácil apanhar a água do mar com uma colher que explicar os mistérios do mundo.

**MEFISTÓFELES** – Noiva, levas-me no Speedy?

**NOIVA** – Claro mefme!

**ALMERINDA** – Depois telefono mãe Adosinda.

**EMPREGADO** – Gostava de fechar um negócio consigo (para Vendedor). Apertemos desde já a mão!

**FAUSTO** – A minha memória para nomes anda a falhar; ontem fiquei profundamente confuso não dizia coisa com coisa. Ando a trabalhar pouco; a preguiça em mim é sazonal...

**ALMERINDA** – Eu desde que arranjei emprego, sinto-me segura, deixei de ter o sono que tinha (olham todos em silêncio para Genebra)

**GENEBRA** (acabou de comer canja) – Estava quietinha.

**FIM**

Terça-feira 21 de Abril 1992

(revisão final: segunda-feira 24 de Agosto 1992)